

# O Sangue Corre na Tunísia<sup>i</sup>

Simone Weil

Tradução

Philippe Claude Thierry Lacour<sup>ii</sup>; Jade Oliveira Chaia<sup>iii</sup>; Michelly Alves Teixeira<sup>iv</sup>

“Sangue nas manchetes” dos jornais operários. O sangue corre na Tunísia. Quem sabe? Talvez tenhamos que nos lembrar que a França é um pequeno canto de um grande império e que, nesse império, milhões e milhões de trabalhadores sofrem.

Há oito meses que a Frente Popular está no poder, mas ainda não tivemos tempo de pensar nela. Quando os metalúrgicos de *Billancourt* estão com dificuldades, Léon Blum recebe uma delegação; ele se preocupa em ir à Exposição Mundial falar com os construtores civis; quando lhe parece que os funcionários resmungam, ele faz um belo discurso por rádio especialmente para eles. Mas, todos nós, tínhamos esqueci-

dos os milhões de proletários das colônias.

Primeiro, eles estão longe. Todos sabem que o sofrimento diminui devido à distância. Um homem que sofre com as pancadas, exausto pela fome, trêmulo perante seus chefes, na Indochina, isso representa um sofrimento e uma injustiça muito menores que um metalúrgico da região parisiense que não obtém seus 15% de aumento, ou um funcionário público vítima de decretos-lei. Deve haver uma lei da física que se relaciona com o inverso do quadrado da distância. A distância tem o mesmo efeito sobre a indignação e a simpatia que sobre a gravidade.

<sup>i</sup>Texto originalmente publicado *Vigilance*, nº 48-49, 10 de fevereiro de 1937.

<sup>ii</sup>Professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília (UnB). Doutor em Filosofia pela Universidade de Provence Aix Marseille I. E-mail: [unb@philippelacour.net](mailto:unb@philippelacour.net). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.

<sup>iii</sup>Mestranda pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e graduanda em Filosofia pela UnB. E-mail: [jade.joc@gmail.com](mailto:jade.joc@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

<sup>iv</sup>Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB. Graduada (Bacharelado e Licenciatura) em Filosofia pela UnB. E-mail: [michellyteixeira@hotmail.com](mailto:michellyteixeira@hotmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

Ademais, essas pessoas – amarelos, negros, *bicots*<sup>1</sup> – estão acostumadas a sofrer. É um fato conhecido. Desde o período em que passaram fome e foram submetidos à arbitrariedade total, isso já não lhes afeta mais. A maior prova disso é que não se queixam. Não dizem nada. Calam-se. No fundo, eles têm uma natureza servil. São feitos para a servidão. Caso contrário, resistiriam.

Há alguns que resistem, mas estes são “arruaceiros”, “agitadores”, provavelmente pagos por Franco e Hitler. As únicas medidas que podem ser usadas contra eles são medidas repressivas, como a dissolução da *Étoile Nord-Africaine*.

Além disso, não há nada de espetacular no drama dessas pessoas. Pelo menos até o último incidente. Fuzilamentos, massacres, eis que fala à imaginação; isso impressiona, faz barulho. Mas as lágrimas derramadas em silêncio, o desespero mudo, as revoltas reprimidas, a resignação, a exaustão, a morte lenta – quem pensaria em se preocupar com coisas desse tipo? Os pequenos, mortos por bombas aéreas em Madrid, provocam uma onda de indignação e pena. Mas, em todos os meninos de dez ou doze anos, famintos e esgotados, que morreram de exaustão nas minas indochinesas, nós nunca pensamos. Eles morreram sem que seu sangue corresse. Mortes assim não contam. Não são mortes reais.

No fundo, nós – e, quando digo “nós”, refiro-me a todos que aderiram a uma organização da Frente Popular – nós somos exatamente iguais aos burgueses. Um patrão é capaz de condenar seus operários a mais atroz miséria e se sensibilizar com um mendigo que encontra no caminho; e nós, que nos unimos em nome de uma luta contra a miséria e a opressão, somos indiferentes ao destino inumano a que são submetidos, longe daqui, os milhões de homens que dependem do governo do nosso país. Aos olhos dos burgueses, o sofrimento físico e moral dos operários não existe enquanto eles se calam, e os patrões os forçam a se calar. Nós também, franceses “de esquerda”, continuamos a fazer pesar sobre os nativos da colônia a mesma coerção impiedosa e, como o medo os deixa mudos, temos a vaga impressão de que as coisas não vão tão mal por lá, que não estão sofrendo tanto, que estão acostumados às privações e à servidão.

A burguesia se interessa por um crime, um suicídio, um acidente em uma ferrovia, mas nunca pensa naqueles cuja vida é lentamente esmagada, triturada pelo jogo quotidiano da máquina social. E nós também, ávidos por notícias sensacionalistas, não paramos para pensar nos milhões de seres humanos que esperavam de nós, que, do fundo de um abismo de escravidão e de infelicidade, voltavam seus olhos para

<sup>1</sup>[N.T.] Gíria francesa utilizada para referir-se aos nativos da África do norte.

nós e que, há oito meses, sem escândalo, em silêncio, passam progressivamente da esperança ao desespero.

Neste momento, há sangue derramado. A tragédia colonial acabou por tomar a forma de *fait divers*, acessível apenas à nossa sensibilidade e à nossa inteligência rudimentar. A partir de agora, já não podemos mais nos vangloriar de que a famosa “experiência” se realiza sem derramamento de sangue. De sangue se manchou.

É fácil falar de responsabilidades, de sabotagem. Sem investigação, sabemos quem são e onde estão os responsáveis. Se cada um de nós se olhar no espelho, veremos um dos responsáveis. O governo atual não governa em nome da Frente Popular? Seus membros são dificilmente questionados; sobrecarregados de trabalho, atormentados como estão, é forçado que as suas atividades dependam, em grande parte, das preocupações que impusermos a eles. Se, por exemplo, Léon Blum tivesse a impres-

são de que estamos mais preocupados com a escravatura colonial do que com o tratamento dos funcionários, ele teria certamente dedicado às colônias o tempo que passou preparando um belo discurso aos funcionários públicos.

Seja como for, temos de confessar que, até aqui, a obra colonial do governo se resume quase que à dissolução da *Étoile Nord-Africaine*. Diremos que as reformas coloniais não estavam previstas no programa da Frente Popular. A dissolução sem fundamento da *Étoile Nord-Africaine* não estava prevista. Os mortos da Tunísia muito menos, aliás. São mortes fora da programação.

Quando penso em uma possível guerra, uma ideia um pouco reconfortante se mistura, confesso, com o pavor e o horror que tal perspectiva me causa. É que uma guerra europeia poderia servir de sinal para uma grande revanche dos povos coloniais para punir nossa imprudência, nossa indiferença e nossa crueldade.

**Recebido:** 10/11/2020

**Aprovado:** 14/12/2020

**Publicado:** 31/01/2021

